

CEDI - P. I. B.  
DATA 25 / 03 / 88  
COD. YAD 194

RELATÓRIO DE TRABALHO DE CAMPO  
NA TERRA INDÍGENA YANOMAMI.

Marco Antônio Lazarin

Conforme acordo oral com a C.T.I. de MIRAD e subsequentes contatos com a FUNAI, embarquei em 2 de janeiro último para Manaus, a fim de participar como representante da Coordenadoria de Terras Indígenas do MIRAD na Equipe Técnica para Identificação de Área Indígena Yanomami.

Em Manaus, no dia 3, compareci à Funai onde já se realizava uma reunião <sup>onde estavam presentes</sup> ~~da qual participaram~~ os membros da Equipe Técnica da qual o "Coordenador", Sr. Célio Horst, não me informara nos contatos prévios. Presente, passei a participar da reunião que tratava tão somente de assuntos operacionais do trabalho. Nessa ocasião tomei conhecimento de 3 dados que me surpreenderam em função dos entendimentos anteriores.

Em primeiro lugar, a Equipe já não mais se deslocaria para Maturacá - 1ª. etapa de trabalho de campo - no dia 4 - data apontada como improrrogável, até então -, mas somente depois de resolvidos os problemas operacionais, relativos a rancho, helicôpteros e combustível. Antecipando o padrão de atrasos que caracterizaria o restante do trabalho de campo, a Equipe sô se deslocou para São Gabriel da Chachoeira no dia 6.

Em segundo lugar, uma questão que demonstra bem claramente as tendências do trabalho que iniciávamos: a Portaria do Presidente da FUNAI 4044/87, de 23/12/87 (Anexo 01) designava "a equipe técnica que procederá os estudos e levantamento fundiário e cartorial, com vistas à demarcação e a definição das atividades a serem incrementadas pelo Projeto Calha Norte" (grifo meu), tudo isso "considerando os termos do Decreto nº 94.945, de 23 de setembro de 1987, em seu Art. 2º, parágrafos 1º, 2º, 3º e 4º". Uma consulta ao Artigo 2º do referido Decreto demonstra claramente que a legislação sô respalda a 1ª. parte das tarefas atribuídas à equipe técnica, não sendo possível vislumbrar nem nas linhas nem nas entrelinhas, anteparo legal para "a definição das atividades a serem incrementadas pelo Projeto Calha Norte".

Em 3º lugar, quando solicitou-se informações sobre o desenvolvimento substantivo do trabalho, não veio da FUNAI a orientação prevista, como seria de se esperar. O responsável por transmitir tal orientação - melhor dizendo, determinação - era o repre

representante do Conselho de Segurança Nacional, Sargento José Jorge dos Santos. O Sargento Santos, escorado na experiência anterior de equipe que fez o mesmo trabalho na região de Parí-Cachoeira, da qual alguns participantes estavam presentes em preparativos para a demarcação daquela área indígena (entre eles, o Tenente-Coronel Jordan), apresentou à mesa 2 questionários: uma FICHA DE DADOS e uma FICHA DE AVALIAÇÃO FAMILIAR - FAFI (anexos). Elas seriam os instrumentos para o levantamento dos dados. Como pude confirmar posteriormente, o representante da FUNAI e "Coordenador" da Equipe tomou conhecimento das "Fichas" naquele momento.

Solicitei então a realização de uma reunião, o mais breve possível para discutirmos o teor e aplicabilidade das Fichas. Apesar da concordância geral, tal reunião só se realizou dias depois, em 7 de janeiro, já em São Gabriel.

#### São Gabriel da Cachoeira (6 a 10 de janeiro)

Embarcamos para São Gabriel da Cachoeira no Bandeirante da FUNAI, em 6 de janeiro e ali permanecemos até 10 de janeiro, enquanto se tentavam resolver os mesmos problemas operacionais (rancho, helicópteros e combustível) acrescidos de mais um: o deslocamento da equipe para Maturacá. Surpreendentemente, fomos informados, pela FUNAI, que o nosso transporte seria feito através de um avião da Empresa de mineração Paranapanema! Indagados sobre o porquê da Paranapanema, o "Coordenador" da Equipe nos informou que a FUNAI tinha um "Convênio" com a Paranapanema. Outro funcionário da FUNAI confirmou também a existência de um Convênio, mas entre a Empresa e os índios do Alto Rio Negro. O "Islander" da Mineradora chegou a fazer uma viagem para o Maturacá transportando a carga da equipe, mas não deu prosseguimento às viagens devido às péssimas condições da pista de pouso daquela missão.

Na reunião realizada com a Equipe sobre a Ficha de Dados e a FAFI, procurei detalhar cada um dos seus itens em função dos conhecimentos antropológicos em geral - para muitos ali só uma ciência diletante que pretende os índios isolados - e específicos sobre os Yanomami e a sua situação de contato interétnico atual.

Apesar de considerar a Ficha de Dados tecnicamente falha e passível de muitas críticas, procurei trabalhar junto à equipe no sentido de evitar grandes erros e maiores atrasos na demarcação da Área.

As sugestões que então apresentei para aplicação no questionário e, espero, posterior utilização na fase de gabinete foram detalhadas posteriormente no texto anexo "A Ficha de Dados e sua

Aplicação". À minha saída, deixei uma cópia com o Sargento do CSN.

Ressalto, porém, que três pontos da Ficha de Dados são extremamente preocupantes, pois sua própria concepção demonstra bem as tendências de sua utilização no futuro: Aculturação, Ocupação Efetiva do Território e Vocação do grupo Indígena.

Quanto à FAFI, sua concepção demonstra claramente que, para seus elaboradores só existe um tipo de unidade doméstica: a família nuclear ideal de nossa sociedade. Assim, procurei fazer o censo utilizando diagrama genealógicos, dentro das enormes limitações que um contato rápido (2 horas mais ou menos) permite, feito através de intérprete.

Em 9 de janeiro chegaram os 2 helicópteros, com uma tripulação de 3 pilotos e 5 mecânicos comandados pelo Capitão Parente.

Em 10 de janeiro, a equipe foi, de helicóptero, para Maturacá.

#### MATURACÁ (10 a 20 de janeiro)

No mesmo dia 10, a equipe (Célio Horst, da FUNAI, Major Luis Carlos Racanichi, do D.S. Geográfico do Exército, Sargento José Jorge dos Santos, da Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, Emanuel Jorge Nassib Olímpio, da Secretaria de Assuntos de Fronteira do Estado do Amazonas, Júlio Gões Pinto, intérprete Yanomami e Marco Antonio Lazarin, de C.T.I. - MIRAD) reuniu-se com as lideranças indígenas Yanomami das duas malocas locais (Maturacá e Ariabū) quando houve as apresentações e exposições dos motivos do trabalho. Os Yanomami manifestaram sua preocupação - e de parte de alguns, irritação - quanto à ameaça sobre suas terras, reafirmando sua intenção de reagir à força (como já o fizeram seus pais com outros invasores no passado) se as "empresas" penetrarem na área.

A equipe se alojou na Missão Salesiana, utilizando-se de sua infraestrutura e pessoal (cozinha especialmente).

Em 11 de janeiro, foram iniciados os trabalhos. A equipe de trabalho dividia-se em duas turmas, que se deslocava de helicóptero até as malocas.. Ali, num prazo de mais ou menos duas horas, levantavam-se os dados que mais tarde seriam organizados em forma final.

Permanecemos em Maturacá entre 11 e 20 de janeiro, tendo havido uma saída para São Gabriel para resolver novamente, problemas operacionais entre os dias 15 a 18.

Naquele período fizemos o levantamento de 11 malocas, cu

jos dados principais estão no quadro que apresento em anexo.

Em 18 de janeiro, o Major Luis Carlos Racanichi (DSG/EX), retirou-se para Recife ficando a equipe composta por 05 pessoas.

#### TOOTOTOBÍ (20 de janeiro a 6 de fevereiro)

Em 20 de janeiro, toda a equipe foi deslocada para Toototobi, a bordo do helicóptero Pulmann (PUMÁ) da FAB.

Alojamo-nos em duas casas da Missão Novas Tribos, tendo a equipe que se revezar, junto com a tripulação dos helicópteros, na cozinha.

Os trabalhos foram iniciados no dia 21, mas interrompidos a 22 para troca de tripulação dos helicópteros em Boa Vista. Em 23, a nova tripulação chegou, mas só pôde fazer mais um sobrevôo pois o combustível era pouco. Desse dia até o dia 3 (10 dias inteiros) todo o pessoal ficou impossibilitado de trabalhar. Incompreensivelmente, o combustível, que deveria estar à disposição em todos os pontos (Maturacã, Demini, Toototobi e Surucucus) no dia 4 de janeiro só chegou em 3 de fevereiro! A própria FUNAI de Boa Vista, não sabia o que se passava, manifestando pouco interesse em resolver o problema e apoiar a equipe.

Em 29 de janeiro, um helicóptero seguiu para Boa Vista para tentar solucionar o problema. Nele foram o Sr. Célso Horst da FUNAI, o representante do Estado do Amazonas e o do C.S.N. O representante do Amazonas, naquele dia retornou a Manaus, mesmo sem estar completo o trabalho no Amazonas, já que seu prazo se esgotara. O representante da FUNAI permaneceu em Boa Vista tentando, inutilmente, fazer na cidade o que não conseguia fazer no campo: coordenar os trabalhos. O Sargento Santos voltou para o Toototobi, conforme as ordens de seus superiores.

Em 3 de fevereiro, quando o combustível chegou, foi possível completar o trabalho na região, com o apoio dos dois missionários da Novas Tribos (Brian e Romeu), já que a equipe, que iniciara com 5 pessoas, estava reduzida agora a somente 2 (representantes do MIRAD e do C.S.N.), além do intérprete Júlio Gões.

Nesse período de 18 dias em Toototobi, a Equipe trabalhou 5 dias, tendo levantado 26 pontos, conforme o quadro anexo.

Em 5 de fevereiro, um helicóptero deslocou-se até o P.I. Demini, para preparar a mudança para aquela área, próxima etapa de trabalho prevista. Segundo os que lá estiveram, a equipe foi recebida num estado de tensão muito forte, por parte dos Yanomami, estando vários índios pintados de preto para guerra. O próprio chefe do

P.I., Davi Xiriana, manifestou bastante preocupação com a situação, pois os Yanomami, sabedores das ameaças por que passam, viam a equipe de Identificação como mais um grupo de invasores, à semelhança de garimpeiros e empresas de mineração.

Tal fato gerou uma situação bastante tensa na Equipe de trabalho, passando a se considerar então a possibilidade de a Equipe não se basear no Demini, e fazer o trabalho do Toototobi, ou, como sugeri, não cumprir a etapa Demini agora, até que a situação ficasse melhor esclarecida.

#### BOA VISTA (6 a 7 de fevereiro)

Em 6 de fevereiro, a tripulação dos helicópteros retornou para Boa Vista. Tendo em vista a suspensão dos trabalhos para a revisão dos helicópteros por uma semana, desloquei-me, também, encerrando o meu trabalho. Procurei contato com a FUNAI, mas não consegui por se tratar de sábado..

Em Boa Vista, no momento, o clima é bastante tenso, tendo em vista a "corrida do ouro" que conduziu milhares de garimpeiros para as Terras Yanomami. O combustível de aviação está esgotado, e é incontável o número de aviões PT estacionados no aeroporto. É igualmente incontável o número de garimpeiros na cidade, sendo difícil encontrar vagas nos hotéis.

Em 7 de fevereiro - domingo - encontrei-me finalmente com o Sr. Célio Horst na Base Aérea, quando me preparava para voar em avião da FAB para Manaus. Comuniquei-lhe a minha saída da área, visto que seria inútil permanecer até o dia 10, data anteriormente combinada com o MIRAD para minha saída.

Sõ então recebi de suas mãos o Rádio que me foi enviado pelo C.T.I., através da FUNAI, consultando-me sobre a minha aceitação em continuar representando o MIRAD naquela equipe de trabalho. Lamentavelmente, compromissos profissionais e pessoais não me permitem estender a minha permanência na área Yanomami além do anteriormente acertado.

Julgo, porém, indispensável que o MIRAD providencie um antropólogo substituto para a etapa que deve se iniciar neste fim de semana (prevista para 11 de fevereiro). Em função da invasão de garimpeiros na região do Paapiu, os trabalhos serão reiniciados por Surucucus, ficando a etapa Demini para depois. É ali que se localizam os pontos mais críticos de conflito de terras entre índios e garimpeiros na Área Yanomami.

Finalmente, manifesto minha preocupação com dois pontos:

Em 1º lugar, o temor de que os trabalhos de campo ao ritmo que se desenvolvem não se completarão antes que as chuvas inviabilizem a operação. Isto significa o adiamento por mais um ano da demarcação do Parque Yanomami. Tal adiamento é do interesse de vários setores, especialmente os ligados à garimpagem em Roraima. Há uma invasão crescente da Área Yanomami e mais um ano de atraso na demarcação acabará por fundamentar ainda mais o argumento do fato consumado da presença garimpeira na Área Indígena. Em suma os atrasos inexplicáveis, até agora são do interesse dos invasores das terras Yanomami.

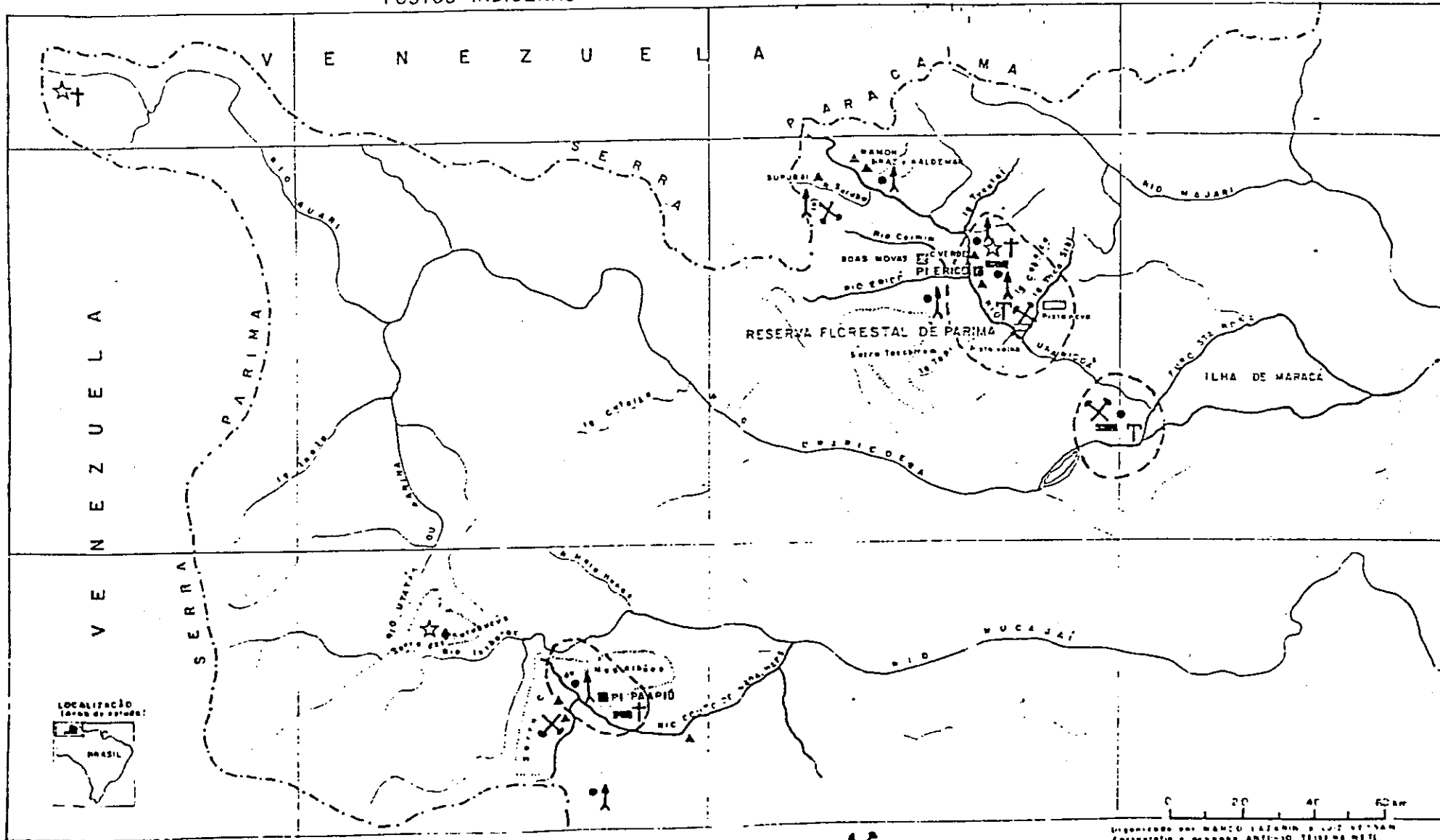
Em 2º lugar, a preocupação com a interpretação dos dados coletados e a elaboração do projeto da Área Indígena estava prevista a elaboração de um Relatório conjunto após a etapa de trabalho que se encerra, mas em função dos problemas e da fragmentação da equipe, tal não se deu, nem ficou programado. Pelo que sei, as FICHAS DE DADOS serão conduzidas de volta à Secretaria Geral do C.S.N. para organização dos dados. Seria indispensável que os membros da Equipe Interministerial participassem dessa etapa de trabalho, aliás, dando prosseguimento à designação da Portaria 4044, na sua parte legal. Se já foi lamentável a participação majoritária de pessoas sem qualquer capacitação técnica em Antropologia na coleta de dados de campo, seria absolutamente trágico para os Yanomami se o mesmo se repetisse com os trabalhos de gabinete para definição da proposta da Terra Indígena Yanomami.

Goiânia, 10 de fevereiro de 1988.

  
MARCO ANTONIO LAZARIN  
(C.T.I. - MIRAD e U.F.G.)

# ÁREA YANOMAMI - Roraima-BR.

POSTOS INDÍGENAS DO ERICÓ E PAAPIÛ - (Situação em março/87)



### LEGENDA

- Posto indígena
- Posto indígena desativado
- ▲ Moradia indígena
- ☆ Posto de pouso
- ☆ Pol. de fronteira do Exército em construção
- ✝ Base militar de Aeronáutica em construção
- Zona de conflito
- Cordeiro de Curi
- de Limestone
- de Estanho/Cassiterita
- ↑ Patrulhamento militar indígena
- ✕ Corrimbo de branco ativo
- ✕ Corrimbo de branco inativo
- T Ponte de madeira
- Curso d'água
- ~ Trechos especiais de rios

Elaborado por MANOEL LAFRANCO e LUIZ VETTER  
Cartografia e desenho: ANTONIO TEIXEIRA NETO



A FICHA DE DADOS E SUA UTILIZAÇÃO NOS ESTUDOS DE IDENTIFICAÇÃO DA TERRA INDÍGENA YANOMAMI: SUGESTÕES E OBSERVAÇÕES SOBRE SUA APLICAÇÃO COM BASE EM TRABALHOS ANTROPOLÓGICOS PRÉVIOS E NA EXPERIÊNCIA DE SUA EXECUÇÃO .

A "Ficha de Dados" (FD) é dividida em 10 itens que, em função dos objetivos propostos, demarcação da Terra Yanomami, é passível de algumas sugestões para uma melhor adaptação ao trabalho prático e seu objetivo final.

Tendo em vista o fato de a FD ser definitivamente o instrumento de organização de dados, encaminhada aos membros da Equipe Interministerial já com uma forma pronta para aplicação, preocupamo-nos aqui em adaptá-la, segundo os mesmos itens propostos, de forma que sejam incorporados aspectos significativos com que a Antropologia pode contribuir, não contemplados ou incorretamente utilizados na sua forma inicial. Aperfeiçoamentos ao longo do trabalho poderão surgir, e mesmo adaptações específicas, em função da situação de contato vivida por cada grupo local. Considerando-se o pouco tempo disponível para coleta de tantos dados, pretende-se aqui tornar a ficha menos suscetível de grandes erros.

Assim, passemos à sua análise item por item.

1) LOCALIZAÇÃO ESPACIAL

a) Plotagem em carta da localização da aldeias...

Sem maiores dificuldades, este item refere-se à interligação espacial tão somente, não devendo ser confundido com interligação social. A questão aos informantes pode ser direcionada para "Qual a aldeia (maloca) mais próxima?"

b) Área Física, estimada, ocupada pelas aldeias

A precisão dos termos aqui é fundamental, para não se cometer grandes erros, e a indefinição da questão acima propicia isso.

O que é possível estimar numa visita de 2 horas no máximo? A área da Maloca é talvez, com dúvidas, a área da roça. Ressalte-se todavia, que roças antigas podem estar à distância, serem ainda utilizadas e não serem mencionadas pelos próprios índios ou visualizadas no sobrevôo. Assim, é necessário recorrer-se a estudos prévios para o estabelecimento de um índice mais exato: para uma aldeia localizada num ponto x ( o que pode significar que em 5 anos estará em outro ponto) são necessários 900 m<sup>2</sup>/pessoa para roça, no mínimo.

Porém uma aldeia não utiliza a sua área só para roça: ela caça, pesca, coleta e em alguns lugares também garimpa. Estudos antro



pológicos (cf. ALBERT, Bruce, Ecologia, Território e Contato na Amazônia Indígena, 1987) indicam que para caça, pesca e coleta é necessária uma área que atinja a densidade demográfica de 0,13 Habitantes/Km<sup>2</sup>. Por exemplo, uma maloca com 84 pessoas tem necessidade mínima de 640 km<sup>2</sup>, num período que vai de 3 a 5 anos.

A introdução do garimpo na vida rotineira de alguns locais torna essa questão ainda mais complexa. Quando a área de garimpagem é próxima à maloca, sua utilização a inviabiliza para as outras atividades de subsistência pois a terra é remexida e exaurida, a caça é espantada, os rios são afetados, criando até certa insalubridade.

De outro lado, quando a área de garimpagem é distante, uma área maior e necessária, o que significa "ocupação efetiva" de um território ainda maior do que o necessário anteriormente, isto é, aquele de 0,13 habitantes por Km<sup>2</sup>. Por exemplo, em Maturacá os Yanomami garimpam há cerca de 4 anos, e esta é uma prática hoje indispensável a sua vida comunitária e suas necessidades. Algumas equipes Yanomami de garimpagem chegam a caminhar 1 semana pela mata e serra às vezes com suas famílias para alcançar seu ponto de garimpagem, em áreas que definitivamente estão incorporadas à sua vida.

Em resumo, esta questão deve levar em conta:

- 1) A necessidade de rotatividade das roças e das regiões de caça para sua recuperação;
- 2) A tradição semi-nômade que leva a migrações a cada 3 ou 5 anos;
- 3) A segmentação (separação) de malocas quando atinge populações elevadas;
- 4) Os deslocamentos (migrações temporárias) às vezes de até 150 Km para cumprirem obrigações políticas e sócio-culturais;
- 5) A introdução da garimpagem como alternativa e necessidade de produção para trocas que torna mais real e ampla a ocupação efetiva de terras distantes da maloca (caso de Maturacá, por exemplo);
- 6) Com mais recursos, especialmente de saúde, como pretende o Projeto Calha Norte, a população Yanomami deve aumentar mais rapidamente (por ex. a queda da mortalidade infantil que hoje é alta); isso provocará mais segmentações, criando-se pois mais aldeias, e necessitando-se a médio e longo prazo mais terras.
- 7) A necessidade de salvaguardar áreas intersticiais entre aquelas ocupadas por aldeias ou conjuntos de comunidades diferentes, de forma a não se sobreponem suas regiões de ocupação.

c) Plotagem em carta da localização das áreas para onde migram as comunidades

Este item está articulado ao 1-b e pode-se subdividi-lo em Migrações Permanentes e Migrações Temporárias.

As migrações Permanentes podem ser identificadas no questionamento direto, ou então, coletando-se dados, por exemplo, sobre local e data de nascimento das pessoas.

As migrações Temporárias, frequentes entre os Yanomami, podem estar relacionadas a uma grande quantidade de eventos. É comum encontrarem-se malocas vazias em função de: comparecimento a festas em malocas distantes, temor de algum mal temporário (p.ex. a própria chegada da equipe de identificação em seus helicópteros, ou alguma epidemia) ou permanente, saída para longas caçadas, ou para garimpagem, etc. A identificação de algumas áreas ou malocas distantes, para onde a comunidade ou parte dela migra temporariamente pode ser feita por exemplo, perguntando-se para onde vão as trilhas que saem das diferentes portas de uma maloca (quando há mais de uma porta, evidentemente) e quanto tempo leva até lá. A distância pode ser marcada pelo tempo de caminhada, rápida quando só homens, lenta quando mulheres e crianças acompanham. De outro lado, a plotagem correta das malocas pode indicar a distância em linha reta.

**d) Comunicação existente entre as aldeias (meios naturais)**

Ítem importante para demonstração da articulação entre aldeias. Aí podem aparecer rios e picadas, para onde levam e quanto tempo de viagem.

**e) Plotagem das áreas de cemitério e Sítios Sagrados**

Na tradição Yanomami, os mortos são cremados e o pó de seus ossos é, via de regra, ingerido em rituais mortuários. Toda via, é possível que em algumas áreas de maior contato e influência religiosa especialmente (caso de Maturacá com os Salesianos) os mortos sejam enterrados nas proximidades da Maloca.

**2) DISCRIMINAÇÃO DETALHADA DA POPULAÇÃO INDÍGENA**

a) O quadro solicitado é preenchido posteriormente, com base na Ficha Familiar (FAFI) que os pesquisadores usam em campo. Cabe observar, todavia, que essa Ficha Familiar é extremamente limitada pois reproduz o padrão ideal de parentesco da sociedade ocidental. Não tem, portanto, capacidade para registrar corretamente, situações de poliandria, Poligínia, agregados, famílias extensa, etc. numa mesma unidade doméstica. O melhor, nesse caso é abandoná-la e construir diagramas genealógicos tomando como referências as fogueiras e as redes que as contornam.

A "discriminação" permitirá posteriormente a construção de pirâmides demográficas.

**b) Precisar novamente**

Grupo Étnico: Yanomami

Grupo Local (ou Comunidade): Exemplo: SHÏHÏTHERI (o sufixo THERI quer dizer "habitante de" algum lugar conhecido por alguma referência espacial. No exemplo, SHÏHÏTHERI são os habitantes de uma

região onde existe muita formiga tipo SHIHO (tocandeira).

### c) Líderes da aldeia

Uma aldeia ou maloca pode ter vários líderes, quase sempre chamados Tuxauas. Pode ocorrer também que para algumas pessoas da Maloca, o Tuxaua é uma pessoa e para outras o Tuxaua é outra. Ou então, existir um Tuxaua para cada atividade. No contato com brancos, p. ex., é sempre indicado alguém que fala algo de português, mas sua liderança pode se reduzir tão somente a essa atividade.

### d) Grau de Aculturação

Colocado em desuso há muitos anos pela antropologia por se prestar a grandes confusões e imprecisões no estudo e definição de grupos étnicos, o conceito de aculturação só mostra o óbvio histórico da dinâmica cultural: que quando sociedades distintas entram em contato, ocorrem trocas, mais ou menos intensas de produtos culturais (artefatos, atos e idéias, em geral) Isso não significa porém que o Yanomami que usa roupas, garimpa e tem seu gravador deixe de ser Yanomami e por isso perca sua identidade étnica, perdendo em consequência os seus direitos.

Para se evitar grandes erros, recomenda-se transformar este item num questionamento sobre: com quem estabelece o grupo local contato interétnico? Com que agências da sociedade nacional estabelece relações? Como? Por que? Há quanto tempo? Poderão surgir aí informações sobre contatos com missionários, garimpeiros, FUNAI, cidades, comerciantes, etc. Ainda, seguindo Darcy Ribeiro pode-se usar também as noções de isolados, contatos intermitentes e contatos permanentes, apesar de suas limitações.

### e) Organização Social

É impossível para qualquer pesquisador, por mais experiente e bem treinado que seja poder eventurar-se em algo tão complexo como a organização social de uma sociedade indígena em fugazes 2 horas de enquete com um intérprete. Etnólogos gastam anos de trabalho de campo e gabinete tentando responder a essa questão e muitas vezes não chegam a respostas definitivas.

Sugere-se aqui que se tente levantar dados significativos para os objetivos de demarcação. P. ex: na região do P.I. Ericó, as unidades socialmente significativas são as Famílias Nuclear e Extensa, a Comunidade e o Conjunto de Comunidades. Para fins de demarcação territorial, p.ex., dados sobre articulação mais ou menos intensa entre Conjuntos de Comunidades podem ser bastantes significativos, pois podem indicar Segmentações de Comunidades, Semi-Nomadismo, ocorrência de rituais e cerimônias com participação de comunidades distantes, etc., elementos sempre muito presentes na cultura Yanomami.

## f) Integração entre Índios

Este ítem pode ser levantado pela articulação entre diferentes malocas. As informações podem ser alcançadas através do questionamento direto, mas muitas vezes isso não é possível. Estudos antropológicos anteriores indicam que essa integração entre aldeias pode se estender a até 150 Km de distância, para plena realização de alianças sócio-culturais. Um estudo mais demorado indicaria, por ex., que muitos dos homens e mulheres que se identificam como membros da sua atual maloca, são originários de regiões bastante distantes.

Deve-se observar igualmente que eventuais "guerras" entre malocas próximas ou distantes não significa simplesmente "falta de integração"; pelo contrário, a "guerra" deve ser interpretada exatamente como o momento histórico vivido por aqueles grupos no seu processo de integração.

## 3 e 4) AVALIAÇÃO DO TRABALHO MISSIONÁRIO E DA FUNAI

Sem maiores problemas para levantamento. Deve-se observar todavia, quem responde e quem intermedia (intérprete) a resposta, para maior exatidão.

## 5) EXISTÊNCIA DE GARIMPOS

É importante fazer uma distinção, que não consta da FICHA DE DADOS, entre GARIMPOS DE BRANCOS E GARIMPOS INDÍGENAS.

Acrescente-se, para maior entendimento, os seguintes itens:

- Tempo de existência do garimpo
- Minério Garimpado (ouro, diamante, cassiterita, etc.)
- Tipos de equipamento
- Aumento ou queda de produção (que pode indicar aumento da garimpagem e de garimpeiros, ou esgotamento e tendência a expandir-se para alguma parte)
  - Se o garimpo ocupa área reivindicada pelos índios
  - Se o garimpo está dentro da Área Interditada (caso p.ex. do Garimpo de Santa Rosa, próximo ao P.I. Erico, cf. Mapa anexo)
  - A incidência e disseminação de doenças na região
  - Distância dos garimpos para a maloca mais próxima, bem como para áreas de ocupação e circulação indígena
  - Danos ao meio-ambiente: devastação da cobertura florestal, caça predatória, utilização de mercúrio, etc.

## 6) LEVANTAMENTO DAS CONDIÇÕES ECONÔMICAS VIGENTES

### a) Meios de subsistência

A produção para subsistência está em volta de itens como caça, pesca, roça e coleta, com maior ou menor intensidade de acordo com a época e situação de contato vivida.

### b) Atividade econômica desenvolvida

Para este ítem, de difícil aplicação numa sociedade indígena, e em especial, os Yanomami, recomenda-se entender "atividade econômica" como excedente de produção comercializado. Podem aparecer aí produtos mais tradicionais como a farinha, o artesanato e a piaçava, ou outros mais modernos, como o ouro, que só é produzido para comercialização.

### c) Vocaçãõ Natural da Comunidade

Está sendo utilizada aí uma categoria -vocaçãõ - cuja imprecisão é grande até mesmo para os membros da sociedade nacional. O que é "vocaçãõ"? É aquilo que alguém tem talento para ser? Ou é aquilo que a conjuntura favorece alguém a ser? Como transpor um conceito individual para uma sociedade? E "natural"? O que vem a ser vocaçãõ natural? Existe vocaçãõ "não-natural", se assim se pode falar? Pode-se travar longa polêmica, agravada pela tentativa de aplicação a um grupo local específico que vive uma situação de contato específica de uma sociedade indígena muito pouco conhecida.

Para alguns a chave dessa questão está na sua articulação ao ítem seguinte (d) que fala em "possibilidade de desenvolvimento" ou "incentivos econômicos".

Neste caso, se considerarmos que a noção de atividade econômica tem o seu uso prejudicado entre os Yanomami por ser a sociedade voltada para atividades de subsistência fundamentalmente e só esporadicamente produzir algum excedente, a única "vocaçãõ" que se poderia atribuir aos Yanomami seria a de "atividade de subsistencia". Pode-se argumentar que a "vocaçãõ" que propiciaria "incentivos" à produção pode ser encontrada em alguns casos de grupos locais que garimpam, e então a "vocaçãõ" seria a garimpagem.

Aparentemente óbvio, esse raciocínio simplista deve ser esmiuçado. Alguns grupos locais garimpam, de fato, e dependem do ouro para aquisição de algumas mercadorias que se tornaram necessárias. Todavia, os grupos que garimpam não se ocupam tão somente da garimpagem, isto é, não são especialistas que maximizam a produção do ouro. Além de garimpar, aqueles índios que assim o fazem também estão ocupados com as atividades tradicionais de subsistência que envolvem uma complexa rede cultural articulada a seus ritos, festas e enfim a toda a formação da identidade Yanomami. A especialização (seja em garimpagem, seja em artesanato, seja na implantação de extensas roças de arroz mecanizadas) implica não só na desestruturação sócio-cultural, mas acaba por incapacitar o indivíduo na produção do suficiente para se manter e cumprir suas obrigações sociais.

Em Maturacá, por exemplo, onde muitos Yanomami passaram a garimpar de 4 anos para cá, tem ocorrido, cf. depoimentos de alguns líderes, casos de indivíduos que, tendo dedicado todo o seu tempo à garimpagem em locais distantes, abandonaram suas roças de toco, e



suas famílias acabaram por carecer da alimentação para subsistência, apesar do ouro guardado em casa (quando havia ouro, claro). Por essa razão, já há, entre eles próprios, a concordância de que a especialização pode trazer traumas.

Outrossim, é sempre bom lembrar que a garimpagem e a produção mineral como um todo, tem uma particularidade: só dá uma safra. A intensificação da produção, seja por garimpagem, seja por mecanização, pode levar à rápida exaustão de recursos minerais que, se utilizados de forma parcimoniosa podem garantir a autonomia dessa sociedade indígena por longo tempo.

#### e) Pretensão da Comunidade

Deve-se procurar ir além do levantamento de simples pretensões materiais, a que os indígenas estão acostumados receber dos brancos, e assim respondem essa questão da forma que acham que o branco espera que ele responda.

Há 3 pretensões básicas que fundamentam todas as interrelações índios-brancos e que podem ser observados em pesquisas de longo termo: Terra, Saúde e Educação. Sem as 3, adequadas às situações específicas, a própria possibilidade de sobrevivência física da sociedade fica ameaçada.

Há que se observar também, na análise das pretensões, se há algum risco envolvido, tanto para a própria comunidade quanto para outras. Um benefício tecnológico propiciado com a melhor das boas intenções, pode trazer problemas psíquicos e sócio-culturais de monta, como tem ocorrido frequentemente.

#### 7) LEVANTAMENTO NO CAMPO DA SAÚDE

Neste ítem é interessante observar se há meios humanos e materiais indígenas existentes, e como a comunidade reagiria à possibilidade de preparo de monitores indígenas de saúde. Mesmo sendo positiva a preparação de indivíduos da própria comunidade para os trabalhos de saúde, há que se considerar que as noções de saúde e de doença são culturais podem variar, pois - e envolvem campos da vida religiosa e mágica dessas sociedades. Envolvem, pois, a prática de artes tradicionais de cura articulada à prática de pajelança, bastante comum entre os Yanomami.

É interessante anotar a presença ou não de "doenças novas" ou "doenças de brancos", que indicam sua proveniência do contato com a sociedade regional. No caso Yanomami encontram-se alguns casos bastante graves de doenças provenientes do contato com garimpeiros.

#### 8) LEVANTAMENTO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

Deve-se atentar, como no caso da saúde, para a presença de meios (humanos e materiais) indígenas existentes, se é ou não reivindicação da comunidade de professores do próprio grupo.

Uma pretensão bastante comum, recomendada por lingüistas e antropólogos, é a adoção do ensino bilingüe. Para tanto, é indispensável estudos lingüísticos e antropológicos prévios, de forma a não impor modelos educacionais inadequados à realidade da população.

9) LEVANTAMENTO DO SISTEMA DE EXPLORAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS

a) Formas de Exploração

Este item especifica as atividades de subsistência ( Roça, Pesca, Caça, Coleta).

b) Formas de Comercialização

Especificação, quando as houver, detalhando:

- a comercialização obedece a que necessidade?
  - alternativas a essa comercialização;
  - são enganados ou explorados na comercialização?
- Etc.

10) INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

Os itens são de resposta simples, devendo a equipe conven signar alguns itens. Por exemplo, a primeira equipe de trabalho con ven cionou classificar no item (e) a textura do solo em arenoso, rochoso ou ar gilo so; quanto ao relevo, ondulado, montanhoso, plano.

Toototobi, 5 de fevereiro de 1988.

MARCO ANTONIO LAZARIN  
(MIRAD - UFG)



MINISTÉRIO DO INTERIOR  
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

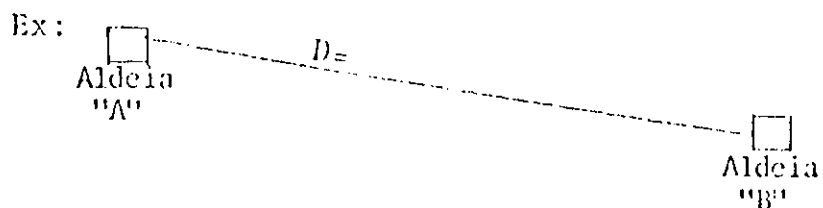
FICHA DE DADOS

TERRA INDÍGENA YANOMAMI

NOME DA ALDEIA:

1 - LOCALIZAÇÃO ESPACIAL

a - Plotagem em carta da localização das aldeias, com a designação e distâncias aproximadas das aldeias que se interligam.



b - Área física, estimada, ocupada pelas aldeias.

c - Plotagem em carta da localização das áreas para onde migram as comunidades.

d - Comunicação existente entre as aldeias (meios naturais).

e - Plotagem das áreas de cemitério e Sítios Sagrados.

f. Outras informações.

2 - DISCRIMINAÇÃO DETALHADA DA POPULAÇÃO INDÍGENA

a -

FAIXA ETÁRIA	MASCULINO	FEMININO
0 - 4 anos		
5 - 9 anos		
10 - 14 anos		
15 - 19 anos		
20 - 24 anos		
25 - 29 anos		
30 - 39 anos		
40 - 49 anos		
50 - 59 anos		
60 - 69 anos		
70 ou mais		
Idade ignorada		
T O T A L		

População da Maloca-Aldeia-Comunidade =

b - Grupo(s) indígenas(s)

c - Líder da aldeia

d - Grau de aculturação

e - Organização Social

f - Integração entre índios

g - Outras informações

3 - TRABALHO MISSIONÁRIO	
a - Nome da missão	
b - Componentes da missão	
<u>N o m e</u>	<u>Atividade</u>
c - Serviços prestados pelos missionários	
d - Avaliação do trabalho missionário pela comunidade	
e - Necessidades para o trabalho missionário	

4 - TRABALHO DA FUNAI

a - Nome do Posto Indígena (Frente de Atracção, etc)

b - Componentes do posto

N o m e

Atividade

c - Serviços prestados pela FUNAI

d - Avaliação do trabalho da FUNAI pela comunidade

e - Necessidades para o trabalho da FUNAI

5 - EXISTÊNCIA DE GARIMPOS

a - Plotagem em carta da localização dos garimpos (nome)

b - Efetivo de garimpeiros

c - Formas de abastecimento



d - Formas de comercialização

e - Pista de pouso (características)

f - Distância do garimpo à sede da aldeia

OBS: Se possível levantar todos os garimpos, mesmo os que não estejam incluídos na Terra Indígena.

6 - LEVANTAMENTO DAS CONDIÇÕES ECONÔMICAS VIGENTES

a - Meios de subsistência

b - Atividade econômica desenvolvida

c - Vocação natural da comunidade

d - Possibilidade de desenvolvimento (agrícola, extrativista, pecuária, etc)

e - Pretensão da comunidade

7 - LEVANTAMENTO NO CAMPO DA SAÚDE

a - Meios (humanos e materiais) existentes

b - Meios necessários

c - Doenças predominantes

d - Pretensão da comunidade

OBS: Detalhar o mais possível os meios existentes.

8 - LEVANTAMENTO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO

a - Meios (humanos e materiais) existentes

◀  
b - Meios necessários

c - Pretensão da comunidade

OBS: Detalhar o mais possível os meios existentes.

9 - LEVANTAMENTO DO SISTEMA DE EXPLORAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS

a - Formas de exploração

b - Formas de comercialização

10 - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

a - Municípios abrangidos

b - Pista de pouso (características)

c - Existência de posseiros (detalhá-la)

d - Campanhas de vacinação



e - Dados sobre solo, vegetação e relevo

- textura do solo (coletar amostras)
- cor do solo
- tipo de relevo
- risco de inundação
- tipo de vegetação

f - Máquinas agrícolas existentes

g - Descrever o tipo de edificações existentes

h - Outras julgadas oportunas



TABELA 01

MISSÃO ORD	DIA	Nº DA FICHA	NOME DA ALDEIA	Nº DE MALOCAS	Nº DE ÍNDIOS	COORDENADAS	
						LATITUDE N	LONGITUDE W
01	13.02	60	PAÁ-PIÚ-THERI	01	61	02º42'15"	63º09'00" —
02	13.02	61	HELOW THERI	01	67	02º36'00"	63º12'00" —
03	13.02	61A	WAKARESIBWEIN THERI	01	27	02º37'30"	63º10'45" —
04	13.02	61B	WAKAROCIPI THERI	01	36	02º37'15"	63º10'45" —
05	13.02	61C	ILO-PLELEPA-THERI	01	44	02º38'00"	63º09'45" —
06	14.02	63	KONKALATHERI II	01	53	02º36'45"	63º29'45" —
07	14.02	63A	KONKALATHERI	01	66	02º36'15"	63º30'00" —
08	14.02	63B	KONKALATHERI I	01	28	02º37'00"	63º32'45" —
09	14.02	64	BOYMOP THERI	01	134	02º33'30"	63º28'00" —
10	15.02	64A	TAPALISIBI-U-THERI	02	42	02º30'30"	63º21'00" —
11	15.02	64B	XANTATHERI	01	57	02º32'00"	63º20'00" —
12	15.02	64C	ALA-U-THERI=XAATHA-THERI	02	46	02º33'00"	63º19'30" —
13	16.02	65	MOXAIATHERI	07	170	02º35'45"	63º36'30" —
14	17.02	66	WHAXIM-U-THERI	02	143	02º31'30"	63º38'00" —

MISSÃO		Nº DA FICHA	NOME DA ALDEIA	Nº DE MALOCAS	Nº DE ÍNDIOS	COORDENADAS	
ORD	DIA					LATITUDE N	LONGITUDE W
15	17.02	66A	WHAXIM-U-THERI I	01	39	02º31'30"	63º41'00" ✓
16	17.02	67	HOMOXITHERI	05	69	02º34'45"	63º43'00" ✓
17	17.02	67A	BAHAYATHERI	01	93	02º38'30"	63º40'45" ✓
18	17.02	69H	XIDEATHERI	11	358	02º38'00"	63º51'45" ✓
19	16.02	69I	MASIPUETHERI	04	97	02º45'00"	63º49'00" ✓
20	16.02	70	ARAMABYTHERI	01	54	02º30'30"	63º55'00" ✓
21	15.02	71F	TSIBORA-U-THERI	07	429	02º43'30"	63º35'00" ✓
22	15.02	71G	RACOMATHERI	01	77	02º44'45"	63º36'30" ✓
23	17.02	72	MAYPA-U-THERI	03	72	02º51'30"	63º36'00" ✓
24	17.02	73	PALIMASITHERI	01	36	02º55'45"	63º31'45" ✓
25	17.02	74	YAWLATA-U-THERI	01	45	02º57'45"	63º30'45" ✓
26	17.02	74A	YALIMA-U-THERI	01	13	02º58'45"	63º34'00" ✓
27	12.02	76	BILISYTHERI	01	44	02º50'45"	63º38'00" ✓
				61	2.400		

LEVANTAMENTO DE DADOS  
ÁREA INDÍGENA YANOMAMI

TABELA 02

ORD	DIA	Nº DA FICHA	NOME DA ALDEIA	Nº DE MALOCAS	TOTAL DE ÍNDIOS	COORDENADAS	
						LATITUDE N	LONGITUDE W
28	10.03	63	WATHO-U-THERI	1	59	02º50'20"	63º20'15" —
29	10.03	68	SIMOBUEYTHERI	4	150	02º32'45"	63º50'45" —
30	10.03	75	YALATHATHERI	2	51	02º54'00"	63º46'45" —
31	11.03	76A	XILIMIFIKTHERI	3	129	02º51'30"	63º39'45" —
32	11.03	76B	LOCOWTHERI	1	107	02º48'00"	63º41'45" —
33	10.03	76C	XAHONXITHERI	1	50	02º52'45"	63º58'00" —
34	11.03	76D	PALEAM-U-THERI	2	60	02º51'45"	63º39'30" —
35	11.03	78	PARAFURITHERI I	3	134	03º05'45"	63º50'00" —
36	11.03	79	ALAKONFITHERI	2	94	03º06'00"	63º45'45" —
37	11.03	79A	WAHATHERI	2	92	03º05'00"	63º47'45" —
38	12.03	79B	FAYASILA-U-THERI	6	40	03º10'30"	63º46'30" —
39	12.03	79C	PARAFURITHERI	5	165	03º09'45"	63º46'30" —
40	12.03	80	BOLABEYTHERI	3	80	03º03'00"	63º48'00" —
41	11.03	80A	KATHOLOATHERI	9	114	02º59'00"	63º51'50" —
TOTAL DE ALDEIAS 14			TOTAL DE MALOCAS	44	1.325		

ORD	MISSÃO	Nº DA FICHA	NOME DA ALDEIA	Nº DE MALOCAS	TOTAL DE ÍNDIOS	COORDENADAS	
	DIA					LATITUDE N	LONGITUDE W
42	11.03	80B	NINHALA-MOXAF THERI	1	78	02º59'00"	63º47'15"
43	11.03	80C	DESCOBA-MOXAF THERI	3	77	02º59'00"	63º46'45"
44	11.03	80D	MOXAF-MATU-THERI	1	53	02º59'00"	63º43'30"
45	12.03	81	YLAWATO-U-THERI I	2	30	03º02'00"	63º30'30"
46	12.03	81A	YLAWATO-U-THERI	3	72	03º01'15"	63º30'30"
47	12.03	81B	WLAWATO-U-THERI II	6	35	02º59'30"	63º29'00"
48	12.03	82	HARICATOTHERI	7	61	03º12'45"	63º16'45"
49	12.03	82A	MAITHA THERI	6	158	03º16'15"	63º22'00"
50	12.03	82B	MALACAL THERI	4	61	02º12'45"	63º20'15"
51	19.03	83	PO-U-THERI	3	29	03º19'30"	63º15'30"
52	19.03	85	PALIMI-U-THERI	8	156	03º19'50"	62º58'30"
53	19.03	86	NONO/MAYONGONG	4	75	03º33'45"	63º10'30"
54	14.03	87	XAMATARI	15	120	03º23'30"	64º05'00"
55	11.03	88	HOSHIMATHERI	03	97	03º14'45"	63º54'00"
TOTAL DE ALDEIAS 14			TOTAL DE MALOCAS	66	1.102		

MISSÃO ORD	DIA	Nº DA FICHA	NOME DA ALDEIA	Nº DA MALOCAS	TOTAL DE ÍNDIOS	COORDENADAS	
						LATITUDE N	LONGITUDE W
56	11.03	89	YLOMOBITHERI	5	97	03º24'30"	63º46'30" —
57	12.03	90	ALOMAITHERI	17	215	03º49'30"	64º08'15" —
58	18.03	90A	YANOMIMI/SANUMÃ	01	46	03º43'30"	64º15'00" —
59	12.03	91	KOAYMIHATHERI	06	39	03º56'45"	64º13'15" —
60	12.03	91A	SANUMÃ	07	100	04º00'30"	64º15'15" —
61	13.03	92	KARIMANITHERI	04	153	03º50'00"	64º19'30" —
62	18.03	92A	WALOB THERI	2	23	03º48'45"	64º20'15" —
63	13.03	94	SANUMÃ/AURIS	4	213	03º56'00"	64º15'20" —
64	13.03	94A	MAYONGONG/AUARIS	4	191	03º55'45"	64º19'45" —
65	13.03	97	PEDRA BRANCA	1	35	04º00'15"	64º30'15" —
66	19.03	130	SURUBAI	1	39	03º52'45"	62º42'45" —
67	19.03	131	ACAPORAU	1	26	03º55'30"	62º39'30" —
68	19.03	131A	BAIXA ACAPORAU	1	22	03º55'15"	62º41'15" —
69	18.03	136	CAMPO VERDE	3	39	03º39'45"	62º23'45" —
TOTAL DE ALDEIAS			TOTAL DE MALOCAS	57	1.238		



ORD	MISSÃO DIA	Nº DA FICHA	NOME DA ALDEIA	Nº DA MALOCAS	TOTAL DE ÍNDIOS	COORDENADAS	
						LATITUDE N	LONGITUDE W
70	18.03	138	ERICÓ (YANOMAMI)	4	69	03º37'45"	62º23'30" —
71	20.03	37	PIN CATRIMANI	02	124	1º45'00"	62º17'18" —
72	20.03	31	DEMINI	01	72	1º30'41"	62º52'42" —
73	20.03	34	AJURICABA	01	43	0º54'44"	62º38'06"
74	20.03	44	PAKU-AIKÁ	01	32	1º37'50"	62º17'42" —
75	20.03	40	OPIKITHERI (km 121)	03	50	1º47'58"	62º13'15" —
76	20.03	42	OPIKITHERI (km 134)	01	45	1º51'45"	62º07'14" —
77	20.03	41	UXIXI-U-THERI	04	107	1º49'11"	62º11'54" —
78	22.03	152	POSTO DE VIGILÂNCIA AJARANI	01	30	2º00'16"	61º16º32'02" —
79	23.03	161	FLECHAL	01	20	2º47'18"	61º42'42" —
80	23.03	160	CIGANA	02	20	2º45'57"	61º45'00" —
81	23.03	159	JACARÉ II	02	17	2º42'18"	61º55'16" —
82	23.03	147	KOROKNA-U-THERI	07	67	2º45'57"	62º12'26" —
83	23.03	147A	KASILALSYTHERI	02	54	2º46'29"	62º12'42" —
TOTAL DE ALDEIAS			TOTAL DE MALOCAS	32	750		

MISSÃO		Nº DA FICHA	NOME DA ALDEIA	Nº DA MALOCAS	TOTAL DE ÍNDIOS	COORDENADAS	
ORD	DIA					LATITUDE N	LONGITUDE W
84	23.03	148	JACARÉ III	1	05	2941'13"	61956'45"
85	23.03	146A	LASAÏTHERI	3	116	2946'37"	62925'32"
86	23.03	143	PIN BAIXO MUCAJAÍ	2	59	2944'03"	62900'08"
87	23.03	146	PIN ALTO MUCAJAÍ	2	15	2945'49"	62913'47"
88	23.03	157	JACARÉ	1	32	2945'00"	62905'32"
89	24.03	43	HEWANABILITHERI	1	62	1954'11"	62922'10"
90	24.03	43A	"	1	30	1954'28"	62921'29"
91	24.03	45	UXIXIBI - U-THERI	1	38	2907'26"	62930'24"
92	24.03	46		02	205	2906'37"	62925'08"
				14	562		

TOTAIS GERAIS = ÍNDIOS: 7.377

MALOCAS: 274